

## DESAFIOS EMERGENTES NO CENÁRIO DAS CIVILIZAÇÕES TECNOLÓGICAS

### Resumo

Este artigo tem por objetivo considerar, à luz dos estudos de Norbert Elias sobre o processo civilizador, os desafios emergentes no cenário das civilizações tecnológicas, em que as interações se reconfiguram e se redimensionam no bojo do movimento de incorporação das novas tecnologias da informação e da comunicação. Para tanto, examinam-se os processos relacionais e suas conotações face às realidades virtuais, às tecnologias de inteligência e às ecologias cognitivas tratadas por Pierre Lévy, as quais se processam sob a égide de diferentes temporalidades e territorialidades, imbricadas com as redes de relações e as agências de controle e autocontrole, presentes no processo civilizador.

**Palavras-chave:** Civilizações tecnológicas. Redes relacionais. Controle social e autocontrole. Desafios.

### EMERGING CHALLENGES IN THE SCENARIO CIVILIZATIONS TECHNOLOGY

### Abstract

This article aims to consider in the light of studies of Norbert Elias on the civilizing process, the emerging challenges in the scenario of technological civilizations, which is redefining interactions and are changing during the movement to incorporate the new technologies of information and communication. To this end, we examine the relational processes and its connotations in the face of virtual realities, ICT intelligence and cognitive ecologies treated by Pierre Lévy, which take place under the aegis of different temporalities and territoriality, overlapping with the networks of relationships and agencies and self-control, present in the civilizing process.

**Key-word:** Technological civilizations. Relational networks. Social control and self-control. Challenges.

**Ricardo Viana Velloso**  
Mestre em Educação Cultura e  
Organizações Sociais pela  
Universidade de Minas Gerais  
[ricardo@ufmg.br](mailto:ricardo@ufmg.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar a emergência de desafios na esfera dos relacionamentos sociais e humanos nas redes virtuais constitutivas de territórios com outras configurações espaciais e temporais, instaurados na contemporaneidade, no bojo das novas tecnologias, sobretudo em virtude do deslocamento do caráter material para o caráter simbólico das novas territorializações. As redes virtuais em que se engendram as relações sociais implicarão, por sua incipiência e complexidade, examinar com prudência as agências de controle social e de autocontrole, bem como seu alcance nessa seara.

Para tanto, revisitou-se conceitos como territórios e territorialidades à luz dos estudos de Haesbaert (2004), de forma a examinar os outros contornos territoriais que se desenham sob as condicionantes ou determinantes estabelecidas pelas tecnologias digitais. Há de se examinar se as territorializações aí definidas constituem a substituição ou, antes, o redimensionamento e a reconfiguração daquelas que se compõem sob a égide da materialidade em diálogo com referências simbólicas.

Outra etapa do estudo implicará apreciar os conceitos de controle social e autocontrole, bem como as relações de interdependência, ancorados nos estudos de Norbert Elias (1993) acerca dos processos civilizadores, que igualmente consideram dimensões materiais e simbólicas, presentes nas múltiplas relações que se dão entre indivíduos e ainda na relação entre segmentos da sociedade, reveladas pelo olhar histórico (e sociológico) no exame da vida dos sujeitos sociais e dos seus costumes intrínsecos.

Recorreu-se ainda às concepções de Pierre Lévy (1999) concernentes ao espaço virtual, em que se engendram múltiplas relações, demandando (e ensejando) interações mais amplas e diversificadas, sob a égide de novas temporalidades e territorialidades.

O presente estudo, vale reiterar, diferentemente de empreender o exame exaustivo dos desafios presentes nesse contexto, tem por escopo considerar sua emergência na cena

contemporânea, numa imbricada relação com as novas tecnologias, que redimensionam as redes relacionais na esfera social e humana.

## 2 NOVAS TERRITORIALIZAÇÕES, OUTROS TERRITÓRIOS

O fim do século XX, possivelmente por se constituir num corte temporal, suscitou múltiplos e recorrentes discursos que vaticinavam o fim de uma era, o fim de categorias ou de fenômenos sociais. Esse exercício se traduziu, como observa Haesbaert (2004), em teses do “fim da História”, “fim dos Estados-nações”, “fim do trabalho”, “fim das distâncias” e ainda o “fim dos territórios.”

Torna-se oportuno para essa última categoria, conforme já antecipado, o seu exame mais detido pela pertinência que guarda com a presente abordagem, a qual se dará no ambiente instaurado pelas novas tecnologias, o espaço virtual.

É fato que os avanços científicos e tecnológicos impactaram sobremaneira, especialmente no século XX, as temporalidades e as espacialidades, colocando em xeque paradigmas seculares e suscitando o repensar das relações, das teias e das redes relacionais na sociedade contemporânea. A situação deflagrada por tais avanços, ao ensejar novas configurações territoriais, instaurou crises conceituais e de paradigmas, com a conseqüente busca de sua compreensão e reconstrução.

No âmbito das territorialidades, sob a compreensão reducionista de que há uma correspondência exclusiva entre história e tempo ou entre geografia e espaço, muitas vezes, em particular de não-geógrafos, se pronunciaram vaticinando, ou pretendendo constatar, o fim da geografia, ou o fim dos territórios, sem que isso decorresse de um exame conceitual mais denso e sustentável. Todavia e conforme observa Haesbaert (2004), o que se deu, e vem se dando continuamente, foi a redefinição dos espaços, que, incorporando dimensões materiais e ou simbólicas, redundam em territórios físicos, virtuais, políticos e culturais,

dentre outros, ensejando na cena contemporânea a vivência de multiterritorialidades, marcadas, inclusive, por redimensionamentos espaço-temporais, que permitem

[...] pela comunicação instantânea, contatar e mesmo agir sobre territórios completamente distintos do nosso, sem a necessidade de mobilidade física. Trata-se de uma multiterritorialidade envolvida nos diferentes graus daquilo que poderíamos denominar como sendo a conectividade e/ou vulnerabilidade informacional (ou virtual) dos territórios (HAESBAERT, 2004, p. 345).

Em síntese, não se há de falar em fim dos territórios, mas em outras e múltiplas territorializações em que se processam relações cuja caracterização se vê, para além da dimensão material, comprometida com suas dimensões simbólicas.

As condutas e relações sociais e humanas que se dão no contexto dos territórios emergentes na cena contemporânea, em particular o território virtual, ensejam o exame de seu significado e do caráter que assumem, bem como das variáveis com que estão imbricadas, para sua melhor compreensão. Afinal, por sua natureza de existência, as condutas e relações sociais e humanas se comprometem (ou são permeadas) por dimensões conceituais, éticas e estéticas, que traduzem, em última análise, certa concepção de civilização.

### 3 PROCESSO CIVILIZADOR: DO CONTROLE SOCIAL AO AUTOCONTROLE

Examinar a referida concepção impõe tarefa que remete aos estudos de Norbert Elias (1993, p. 192) acerca do processo civilizador, o qual, na percepção do autor, “constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” que não se deu, no curso da história, de maneira planejada, nem tampouco desordenada. Segundo Elias (1993, p. 193),

Na verdade, nada na história indica que essa mudança tenha sido realizada racionalmente, através de qualquer mecanismo intencional de pessoas isoladas ou de grupos. A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem.

A compreensão do processo civilizador suscita a consideração de mecanismos de controle externo que redundam no ambiente social, em autocontrole, fazendo com que as atividades humanas se vejam reorientadas e reguladas não mais exclusiva nem principalmente por fatores externos, mas por uma postura e conduta individual e ao mesmo tempo compartilhada, que impacta o comportamento na vida social. Uma vez inculcados conceitos, valores e sentimentos, tem-se um quadro de reorientação de conduta a partir da qual o homem se identifica e se coloca como ser civilizado.

Valendo-se de subsídios de fontes literárias e visuais sobre a vida e os costumes das classes superiores, Elias (1993) dá a perceber como o indivíduo teve o controle de suas pulsões transferido de uma proibição externa para a criação de um mecanismo estável de autocontrole. Nas palavras do autor,

A moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito – todos estes são distintos aspectos da mesma transformação de conduta, que necessariamente ocorre com a monopolização da violência física e a extensão das cadeias da ação e interdependência social. Ocorre uma mudança civilizadora do comportamento (ELIAS, 1993, p. 198).

Estendendo sua análise, Elias considera as mudanças que redundam nos contornos mais subjetivos dos cidadãos a partir de uma perspectiva sociológica. Sob esse aspecto, a construção de identidade no processo civilizador, que se poderia tratar de forma reducionista exclusivamente à luz da psicologia, amplia-se na consideração de fatores históricos que se apresentam, em última análise, numa imbricada relação com o conceito de interdependência, que coloca, numa rede de relações, diferentes segmentos e estratos

sociais. As intrincadas relações aí presentes possibilitam ao autor observar que, em particular nas civilizações ocidentais,

O mecanismo social altamente diferenciado torna-se tão complexo e, em alguns aspectos, tão vulnerável, que perturbações num só ponto das cadeias de interdependência, que articulam todas as posições sociais, inevitavelmente afetam muitas outras, desta maneira ameaçando todo o tecido social (ELIAS, 1993, p. 209).

As redes de interdependência e, em seu âmbito, as condutas norteadas pelo autocontrole decorrente do controle social se estendem aos múltiplos territórios, tenham eles demarcações eminentemente materiais ou simbólicas.

Ao presente estudo interessa apreciar seus impactos nos territórios virtuais, que, instaurados pelo processo e pelas ações e relações engendradas no âmbito das novas tecnologias, compõe o que Lévy (1993) identifica como outras ecologias cognitivas.<sup>1</sup>

#### 4 OUTROS TERRITÓRIOS, OUTRAS ECOLOGIAS COGNITIVAS

O advento das novas tecnologias invoca outras temporalidades e outras territorialidades sob a égide das quais se dão as relações no universo virtual. A celeridade das informações hipertextuais, dispostas em rede, conferem leituras mais imediatistas pela associação da expressão verbal a imagens e sons entre outros; mas ensejam também leituras extensivas, caminhos alternativos para o leitor que, valendo-se dos nós na rede hipertextual não-linear, vê-se co-autor, num exercício autônomo de produção de sentido da

---

<sup>1</sup> O termo é apresentado por Lévy (1993) ao discorrer sobre as tecnologias intelectuais, para se referir a um novo *locus*, no âmbito do qual se dão agenciamentos, interações e relações constitutivas de outras formas de conceber o conhecimento, a aprendizagem e o pensamento. Nesse contexto, redesenham-se as ecologias do conhecimento com as quais estão imbricadas relações em que se fazem presentes, em níveis variados, as agências de controle social e autocontrole.

malha textual. Em muitas situações, as temporalidades são também redimensionadas por atualizações contínuas e quase simultâneas aos fatos, às notícias etc.

E como registram Marcuschi e Xavier (2005, p. 13), “Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo.” Embora o autor se atenha às situações comunicativas, é possível estender o olhar, para além desse contorno, até as situações mais amplas de relações sociais, uma vez que a comunicação constitui ato e processo social que comporta relações de poder e trocas de amplo espectro, inseridas no cenário constitutivo de uma cibercultura.<sup>2</sup>

Nesse contexto, novas territorialidades também se revelam, na medida em que os contornos têm seu foco descolado da materialidade, trazendo como marcas preponderantes as dimensões simbólicas. Tem-se, então, outras territorialidades que se processam e novas experiências que se revelam nas múltiplas interfaces, desenhando territórios cujas fronteiras se diluem, instaurando uma nova geografia. A ausência de marcos espaço-temporais rígidos, substituída por nós de conhecimento e de aglutinação motivacional, ensejam uma contínua mobilidade. Como observa Lévy (1999, p. 49):

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o correio (ou a escrita em geral), chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e a distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas no ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos

---

<sup>2</sup> O termo cibercultura deve ser tomado nesse contexto sob a perspectiva de Lévy, isto é, como “a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre *links* territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre os processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal e livre. As comunidades virtuais são motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato.” (LÉVY, 1993, p. 161).

quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários.

Importa à presente abordagem tratar os territórios cognitivos coletivizados, em que se inserem autores e leitores investidos da condição de co-autores que produzem permanentemente sentidos na interação com as malhas textuais, compostas a partir dos hipertextos,<sup>3</sup> constitutivos das ecologias cognitivas. Vale lembrar que, nesse contexto, a atuação do leitor (ou leitor-autor) impõe e enseja deliberada ação, que não se pode dar de forma espontaneísta e inconsequente, afinal “Nossas opções não são aleatórias, mas carregadas de significados culturais.” (BRESSANE, 2007, p.152).

O fato é que, no ambiente ciberespacial, territórios se podem conceber, de um lado, com certo grau de anonimato, como se dá, por exemplo, nas diversas salas de bate-papo em que os interlocutores usam apelidos, os *nicks*, que ora os revelam (e as suas intenções comunicativas), ora os ocultam. De outro, concebem-se ambientes de cooperação, como as listas de discussão, os fóruns temáticos virtuais e outros, em que os interlocutores podem se inserir, em muitos dos casos, devidamente identificados, empreendendo a interação e a colaboração na construção do *locus* cognitivo.

Nessas territorialidades em que se sobrepõem as dimensões simbólicas às materiais, situações antagônicas tendem a se definir em territorializações que se processam sob a égide do relativo anonimato, ou da deliberada identificação dos sujeitos sociais que vivenciam a coletivização de seu pensar (e fazer) em cenários de interação e ou cooperação, sob os contornos de outras ecologias cognitivas. Trata-se de ambiente de relações que, para além da seara cognitiva, envolve variáveis conceituais, axiológicas, estéticas e afetivas, dentre outras. Afinal, como assevera Lévy (1993, p. 56):

---

<sup>3</sup> Os hipertextos invocam uma concepção textual aberta, não-linear, que reclama novos comportamentos na sua produção de sentido, na relação com a autoria, portanto novos agenciamentos numa rede relacional com outras configurações, já que se constitui em “um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, seqüências sonoras etc.” (NOJOSA, 2007, p. 74).



A informática não intervém apenas na ecologia cognitiva, mas também nos processos de subjetivação individuais e coletivos. Algumas pessoas ou grupos construíram uma parte de suas vidas ao redor de sistemas de troca de mensagens (BBS), de certos programas de ajuda à criação musical ou gráfica, da programação ou da pirataria nas redes. Mesmo sem ser pirata ou hacker, é possível que alguém se deixe seduzir pelos dispositivos de informática. Há toda uma dimensão estética ou artística na concepção das máquinas ou dos programas, aquela que suscita o envolvimento emocional, estimula o desejo de explorar novos territórios existenciais e cognitivos, conecta o computador a movimentos culturais, revoltas, sonhos.

Em tais ambientes não se podem precisar os desafios, possibilidades e alcance das agências de controle social e autocontrole, categorias basilares, à luz dos estudos de Elias (1993), do processo civilizador. Todavia, tendo em vista a dimensão histórico-social que assumem e os componentes culturais que lhe são intrínsecos, haja vista terem sido tratadas pelo autor a partir do exame de costumes, essas categorias podem ser objetos de redimensionamento conceitual e relacional no ambiente virtual instaurado pelas novas tecnologias. Afinal, nesse contexto, como já exposto, evidenciam-se outras temporalidades e territorialidades, as quais constituem, em última análise, o resultado da relação do homem individual e social com as categorias tempo e espaço, ao mesmo tempo em que invoca (e implica) as relações intra e interpessoais.

Poder-se-ia proceder a estimativas relativamente à complexidade e ao alcance das agências de controle e do autocontrole propriamente dito, nos ambientes virtuais, a partir de analogias com os cenários já amplamente conhecidos da vida social, engendrada em territórios de marcas materiais e ou simbólicas. Todavia, dada a peculiaridade desses novos ambientes, os territórios virtuais, em que as dimensões simbólicas é que os caracterizam, as analogias podem redundar em especulações que não se aproximem muito do que esse universo pode ensejar.

Assim, há de se ter presente algum nível de semelhança entre as redes relacionais que se processam em territórios de base material e ou simbólica e aquelas que se revelam nas redes virtuais, de base eminentemente simbólica; ao mesmo tempo em que não se

poderão olvidar as diferenças que guardam entre si. Dessa forma, qualquer olhar que busque resposta por analogia haverá de se dar com a prudência e a reserva que a incipiência dos cenários virtuais demanda.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As apreciações e análises perpetradas no âmbito do presente estudo não se identificam com os “discursos dos fins” que afluíram com recorrência e veemência no fim do século, mas, antes, refutam essa perspectiva, por considerar que as temporalidades e territorialidades, assim como a própria civilização se reconfiguram por um processo de transformação contínua de caráter histórico, político, social e cultural, dentre outros. Nessa perspectiva, diferentemente de se desenharem novas relações, o que se tem são outras relações, que não resultam do fim sumário de suas antecedentes, mas de sua reconfiguração.

Assim, a consideração de civilizações tecnológicas enseja a retomada das categorias basilares do processo civilizador descritas por Elias (1993), tais como agências de controle social e autocontrole e interdependência social, de forma a possibilitar compreender sua ressituação e impacto nos ambientes que se instauram na cena contemporânea, imbricados com o advento das novas tecnologias.

Todavia, a consideração dessas categorias impõe sua relativização face às temporalidades e territorialidades presentes na cena contemporânea e que, no bojo das novas tecnologias, configuram outros contornos concernentes ao ciberespaço, caracterizada pela não-linearidade, pela mobilidade e pelas múltiplas interações.

Em contexto tão diferenciado em relação ao dos territórios de contornos de base material, as teias e as redes relacionais suscitam e ensejam outros comportamentos, os quais podem reproduzir, em alguma medida, paradigmas tradicionais de civilização, ou

reorientá-los a partir do estabelecimento de novas relações com as agências de controle social e de autocontrole.

Reconhecer a emergência dos desafios nesse cenário, que se reconfigura sob a égide das novas tecnologias, bem como compreendê-las constitui importante exercício para a ressituação dos sujeitos sociais que cumprem permanentemente o processo civilizador.

---

Artigo submetido em 24/03/2009 e aceito para publicação em 18/08/2009.

---

## REFERÊNCIAS

BRESSANE, Tais. Navegação e construção de sentido. In: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídias: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

NOJOSA, Urbano Nobre. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídias: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.